

Vol. 4, n. 8 | jul/dez de 2017

POETICŪS
Revista de Poesias, Arte e Reflexões



Capa: Diney Vasco

[Expediente](#)

Editorial:
Arte e Mercado
03

A Força do Dinheiro em “A Nova Califórnia”, de Lima Barreto

Nildo Viana
08

Bem-Vindo à Falsidade:
Superficialidade e Mediocridade no
Conto Machadiano “Teoria do Medalhão”

Maria Angélica Peixoto
Nildo Viana
18

Capitão Fantástico e a Questão da Educação

Felipe Andrade
24

Minhas reticências...
Valéria Ferreira Nascimento
Wagner Ferreira do Nascimento
41

Barro à Seco
Luiz Fernando Pereira de Oliveira
42

Contradições
Pierre Leroy
44

Câncer Capitalista
Renan Mosege Araújo Lima
46

Poema Inacabado
Edmilson Borges da Silva
47

Óptica
Maria Clara Araújo Medeiros
49

Filha de Eva
Denise Oliveira Dias
50

Ó Amavéis olhos e Querido Humano
Nicolas Amorin
51

Do que Realmente se Trata
Rubens Vinicius da Silva
53

Ano 04, numero 08, jul./dez. 2017

[4]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



EDITORIAL: ARTE E MERCADO

A sociedade capitalista é hostil à arte, já afirmava Marx, o que foi reproduzido por Adolfo Sanchez Vázquez e outros comentaristas deste pensador. O capitalismo é hostil à arte por transformá-la em mercancia, ou seja, um bem cultural portador de valor de uso e valor de troca e que é produzida não para uso próprio e sim para a venda no mercado. A mercantilização da arte significa sua destruição enquanto arte. A arte era considerada o sublime, agora é o vulgar. Antes os artistas defendiam a arte e sua grandeza; hoje até os artistas dizem que qualquer um faz arte e qualquer coisa pode ser assim considerada. Um computador velho com um chapéu numa exposição se torna “arte”. Atos obscenos em público também. Esse rebaixamento da arte tem origem em sua crescente mercantilização.

A sociedade capitalista cria ondas de mercantilização e na atualidade vivemos uma hipermercantilização. Isso vai destruindo, paulatinamente, o reduto da classe intelectual (cientistas, artistas, técnicos, professores, ou seja, aqueles que cumprem a função na divisão social do trabalho de produzir cultura) e seus valores próprios. Isso mostra como Bourdieu e sua tese dos “campos” traz momentos de verdade, mas é fundamentalmente limitado e tomado por momentos de falsidade. As esferas sociais que deveriam realizar o processo de autoavaliação, no atual contexto, realiza sua própria desvalorização. Isso porque os intelectuais perderam o seu reduto, o seu salvo-conduto. A redoma dos intelectuais, que lhes permitiam ter o status de superiores culturalmente falando, vai deixando de existir. Eles já não são os portadores superiores da cultura, da grande reflexão filosófica (pois qualquer um agora é “filósofo” ou dispensa a teoria, a razão, o saber), não é mais o grande pesquisador e inventor, o grande gênio criativo das expressões figurativas. A classe capitalista e o processo de mercantilização mantêm salários e rendimento superiores para a classe intelectual, mas já não aceita mais sua suposta “superioridade intelectual”. O desejo pelo vil metal, a mercantilização, o consumismo, os interesses pessoais mesquinhos (que fazem alguns serem garotos

propaganda de governos e partidos), entre outros fenômenos, fizeram dos intelectuais bichinhos amestrados do mercado e da classe dominante.

A nossa preocupação aqui não é com os intelectuais em si e sim com os produtos culturais. O problema é que, quanto mais a classe intelectual se rebaixa e se submete à classe burguesa, mais ideológica, axiológica, medíocre, baixa, é a produção cultural. A música é arte. Infelizmente, qualquer música. Da mais bela a mais horrível, todas as músicas são manifestações artísticas. Anitta é uma artista! Ela interpreta músicas! Música de pior qualidade! E intelectuais com o mínimo de formação, criticidade, e descompromissados com o mundo mercantilizado e decadente em que vivemos, deveriam reconhecer isso fácil e tranquilamente. Não há motivos para polêmicas nesse caso. Da mesma forma, dizer que Roberto Carlos é um cantor e compositor horrível, não deveria gerar nenhuma discordância, especialmente para os intelectuais da área de ciências humanas.

Não há dúvida sobre a baixa qualidade de certas músicas. Se a letra é ridícula (grande parte é constituída por repetições e poucas palavras, com um conteúdo axiológico, entre outros problemas), a melodia simplista, a interpretação horrível, a divulgação é caracterizada pela vulgaridade, então por qual motivo alguns intelectuais e aspirantes a intelectuais ficam polemizando e defendendo o indefensável? A discussão pode focalizar o aspecto político, mas esse, no caso das músicas de má qualidade (e letra ridícula mostra o problema do seu conteúdo), é tão medíocre quanto o seu aspecto formal. O aspecto formal não pode ser desconsiderado, não pode ser o critério fundamental de avaliação de uma obra de arte, mas é um dos critérios e tem uma importância singular nesse caso, criando uma unidade com o seu conteúdo. Uma obra de arte sem uma forma adequada é problemática, tal como um filme com cenas longas sem nenhum significado no universo ficcional ou para além dele.

Mas a questão da qualidade não é apenas formal. O elemento fundamental de um produto cultural, de uma obra de arte, é o seu conteúdo, a sua mensagem. Quanto mais bela for a forma, ou seja, quanto mais figurativa e complexa ela for, melhor. Mas de nada adianta isso se o conteúdo for pobre ou axiológico (expressão dos valores



dominantes). Uma música com arranjo impecável, melodia complexa e estruturada, cuja letra apresenta apenas xingamentos e apologia do existente, é uma música de baixa qualidade, pois na totalidade é ruim, salvando-se apenas no aspecto formal. Um conteúdo rico, com uma forma pobre, também reduz a qualidade, mas é menos ruim do que o exemplo anterior. O ideal de qualidade de uma obra de arte é a união da forma e do conteúdo em uma totalidade mais rica possível.

A sociedade capitalista vem promovendo uma destruição da qualidade da obra artística, sendo que os resquícios de obras de qualidade são acessíveis apenas para uma parte reduzida da população. O desenvolvimento da internet também contribui com esse processo, pois parte do público mais exigente abandonou os meios oligopolistas de comunicação (rádio, TV, etc.) e assim diminuiu sua demanda (o que significa audiência, etc., que, por sua vez, é moeda de troca para a qual a quantidade de público significa valores monetários através do pagamento de anúncios e existência de anunciantes), que é uma das determinações do processo de produção cultural.

Nesse sentido, o neopopulismo de certos intelectuais (especialmente cientistas sociais) que esbravejam contra a meritocracia e o “elitismo” significa apenas que eles compactuam com o empobrecimento crescente da criação artística. Exigir qualidade não é elitismo. Elitismo seria julgar que o gosto da “elite” é superior. Afirmar que somente a música clássica é música é elitismo. Outra coisa é dizer que a música sertaneja, o funk brasileiro e o pagode são músicas de má qualidade. Tal afirmação não tem nada de elitismo. Dizer o contrário é apenas expressão do neopopulismo contemporâneo dos intelectuais que abandonaram o compromisso com a verdade em favor do compromisso com a popularidade.

Filmes, músicas, pinturas, obras literárias, cada vez mais mercantis, vulgares, etc. E a poesia? A poesia também é atingida por esse processo, pois os produtores de poesias são indivíduos que nasceram, foram socializados e estão submetidos ao que é hegemônico na sociedade capitalista. Porém, há exceções em geral na produção artística e mais especialmente no caso da poesia, pois ela pode ser produzida de forma mais



livre. No fundo, basta uma folha de papel, uma caneta e a criatividade do poeta. A riqueza da poesia depende da riqueza criativa do poeta e não do mercado.

Assim, a arte foi subjugada pelo mercado. A mercantilização da arte gerou a decadência da produção artística. Sem dúvida, como já foi dito, existem as exceções. Mas não devemos nos contentar com isso. É preciso efetivar uma luta cultural contra essa mercantilização, para aumentar e divulgar as exceções, para aumentar a produção cultural de qualidade, mas o fundamental é lutar contra a sociedade que mercantiliza e mutila as obras artísticas. A arte, numa futura sociedade autogerida, será uma das principais formas de realização da potencialidade humana da criatividade, ou seja, parte da autorrealização dos seres humanos livres e associados. Ela, na sociedade atual, está submetida à mercantilização (e também, geralmente, à burocratização, competição, etc.) e só pode superar essa situação superando a sociedade que cria tal situação. O objetivo da transformação social é o mesmo objetivo da retomada da arte como forma de humanização e não como forma de desumanização, tal como ocorre contemporaneamente.

A Revista Poeticus é uma trincheira nessa luta cultural a favor da arte de qualidade e que tem um significado emancipador. A arte intervencionista é a forma pela qual a arte sobrevive com dignidade e contribui com esse processo. A arte deve intervir para transformar a sociedade juntamente com a forma e caráter das obras artísticas e a Poeticus é uma das formas de intervenção. Ler poesias, contos, análises, de qualidade e engajadas, também é uma intervenção. O leitor está convidado a intervir lendo, divulgando, refletindo sobre o material aqui publicado e a colaborar com a revista e produzir, bem como a se engajar nessa luta pela arte.

